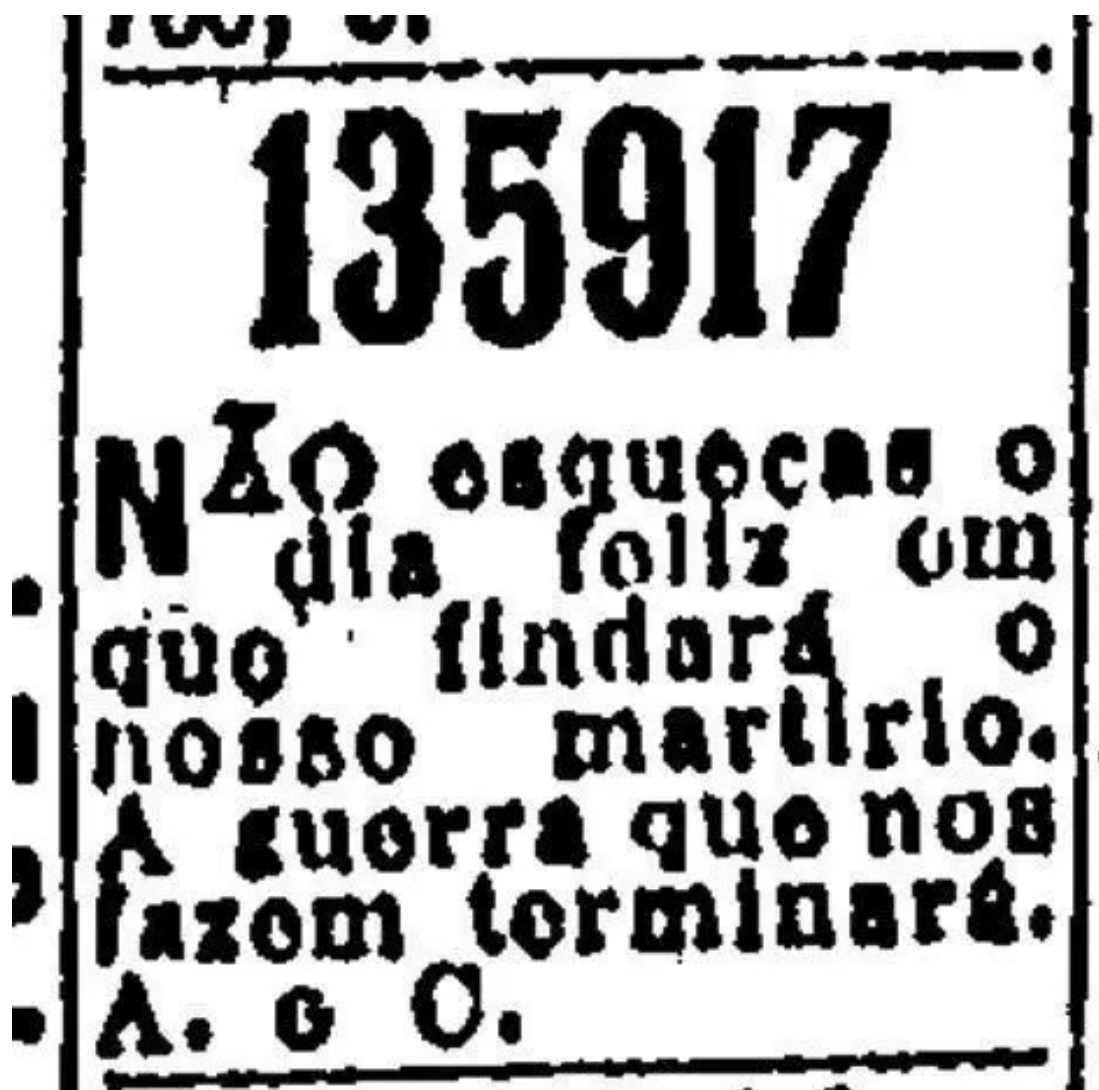


O sol bailou pouco nos jornais Fátima nas notícias de 1917

Foram os jornais regionais, sobretudo os católicos, que eram bastantes à época, que mais espaço dedicaram à história dos três pastorinhos que diziam ter visto Nossa Senhora numa azinheira da Cova da Iria, quando rezavam o terço, e às polémicas. Os jornais nacionais também deram notícias, mas poucas... A primeira saiu em 23 de julho de 1917, em "O Século". Eis um levantamento exaustivo dos artigos publicados.

Diário de Notícias, 10 de março

Na página 4, cheia de anúncios, um pequeno quadrado sobressai. O título é "135917", um número que mais tarde será identificado pela historiadora Fina d'Armada com a data da primeira dita aparição de

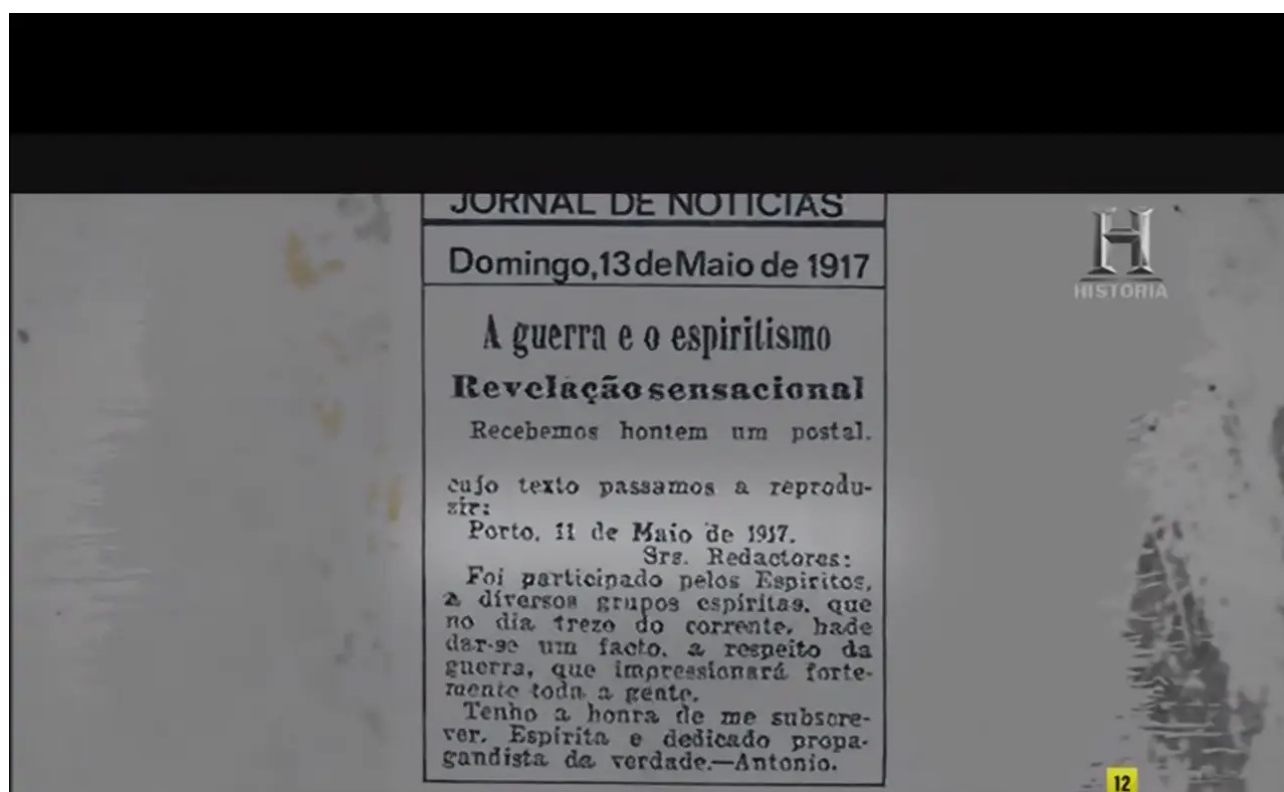


Nossa Senhora na Cova da Iria, a 13 de maio de 1917. O texto, assinado por A. e C., reza assim: "Não esqueças o dia feliz com que findará o nosso martírio. A guerra que nos fazem terminar". O anúncio representa uma mensagem recebida numa sessão espírita realizada em fevereiro e terá sido pago por crentes no espiritismo na "moda" no princípio do século, do grupo de Carlos Maria Ferreira Calderon, compositor, maestro e empresário e grande entusiasta deste culto.

Quase cem anos depois, ao mesmo "Diário de Notícias, o diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima, Marco Daniel Duarte, depois de afirmar tratar-se "de uma linguagem típica da cultura espírita", refere que "para a história das mentalidades, seria importante perceber este tipo de frases, mais ou menos comuns nos jornais dos inícios do século XX, no contexto do surgimento destas correntes de pensamento que ao longo do século XIX e inícios do XX também ganharam adeptos em Portugal".

Para este artigo sobre o anúncio, o jornalista João Céu e Silva falou também com o historiador Luís Filipe Torgal, autor do livro "O Sol Bailou ao meio-dia", resultante da sua tese de mestrado de 2002, para quem "a Guerra é a essência da Mensagem de Fátima, tudo o resto é uma construção posterior, como é o caso da mensagem anti-comunista, que só se sabe nos anos 30".

"Vejo-o, registo-o e integro-o como mais uma entre as diversas notícias sobre a Guerra, mas mais do que isso não. É difícil retirar daí uma interpretação e creio que ninguém o conseguirá", disse o historiador, concluindo: "É uma coincidência e o mundo está cheia delas".



Jornal de Notícias, Primeiro de Janeiro, A Liberdade 13 de maio

Novo anúncio que se diz ter sido pago pelos mesmos grupos de espíritas. O título é "Revelação sensacional" e reproduz o mesmo aviso, por outras palavras: "No dia treze do corrente, há de dar-se um facto, a respeito da guerra, que impressionará fortemente toda a gente".

A Capital, 17 de maio

"Escândalo Eclesiástico — Um sacerdote suspenso por não quer abandonar as filhas que tem educado como homem de bem" — titulava o jornal da noite republicano, partidário de Afonso Costa, líder do Governo à data que, quando ministro da justiça e do culto, impulsionou a Lei da Separação do Estado das Igrejas aprovada por todo o governo provisório saído da revolução de 5 de outubro de 1910. A notícia reproduz uma pequena parte da carta publicada no dia 13, no "Distrito de Portalegre", escrita pelo padre António Graça Ribeiro, de 63 anos, a queixar-se do bispo de Portalegre porque este pretendia que ele deixasse a mulher com quem vivia há 39 anos, mãe de uma filha sua, e uma outra mulher de quem também tivera uma filha.

A Ordem, 9 de junho

Ainda antes de qualquer notícia sobre Fátima, apareceu primeiro uma nota no jornal "A Ordem" sobre uma suposta aparição a 10 de maio, no lugar do Barral, freguesia de São João de Vila Chã, concelho de Ponte da Barca. Um pastor de 10 anos afirmara ter-se deparado com "uma senhora" numa ramada, quando ia a caminho do monte. Tal como os pastorinhos de Fátima contarão, Severino Alves disse ter visto primeiro um relâmpago. E depois uma senhora, "sentada, com as mãos postas, tendo o dedo maior da mão direita destacado, em determinada direção. O seu rosto era lindo como nenhum outro, toda Ela cheia de luz e esplendor, de maneira a confundir a vista, cobrindo-lhe a cabeça um manto azul, e o resto do corpo um vestido branco". O miúdo terá "caído para o lado" com a surpresa e quando se levantou só teve tempo de dizer "Jesus Cristo" antes do "desaparecimento da visão".

Na notícia refere-se ainda que, no dia seguinte, dia 11 de maio, Severino foi ao local, à mesma hora, mas já preparado pelo seu pároco, a quem logo terá contado do sucedido, para enfrentar a figura. Ao ver de novo a dita senhora, ajoelhou-se e disse: "Quem falou ontem fale hoje". Perante a firmeza da frase, "a Aparição com uma voz que era um misto de rir e cantar, diferente do falar de todos os mortais que tem visto, tranquilizou-o dizendo-lhe: 'Não te assustes. Sou Eu, menino. E acrescentou: 'Dize aos pastores do monte que rezem sempre o terço, e que os homens e mulheres cantem a Estrela do Céu. E as Mães que têm

filhos lá fora, que rezem o terço, cantem a Estrela do Céu e se apeguem comigo, que hei-de acudir ao Mundo e aplacar a guerra”.

“A criança, apesar da sua extrema pobreza, tem uma aparência sadia, sem aspeto e antecedentes nervosos que permitam supor que fosse uma alucinação, aliás repetida. É uma criança que é considerada na freguesia, gozando fama de verdadeira, e não mentirosa”, afirma o jornal católico, fundado pelo padre António José Soares Pacheco, em 1913, no Porto, e que ainda hoje se publica, tendo passado de semanário a quinzenário.

João Semana, 1 de julho

Apparição de Nossa Senhora ?

Tem-se ultimamente occupado a imprensa catholica de um facto, que, a ser verdadeiro, tem importancia incontestavel.

O caso passou-se, ao que se diz no Barral, povoação da freguezia de S. João de Villa Chã (concelho de Ponte da Barca), onde é intensissima a devoção á SS.^{ma} Virgem cujo terço toda a gente traz ao pescoço.

O semanário (em 1975 passou a quinzenário) fundado em 1914, pelos Padres Lírio e José Ribeiro de Araújo, com o objetivo de defender a igreja católica dos “ataques” dos republicanos mais aguerridos, replica a notícia de “A Ordem” sobre o caso passado com o pastor, “filho duma pobre e virtuosa viúva”, com a seguinte introdução: “Tem-se ultimamente occupado a imprensa católica de um facto, que, a ser verdadeiro, tem importância incontestável”. E afirma ainda que, no Barral, “é intensíssima a devoção à Santíssima Virgem cujo terço toda a gente traz ao pescoço”.

João Semana, 8 de julho

“J. S.” volta à notícia da suposta aparição no Barral, a propósito da antífona (versículo que precede o salmo, que, por sua vez, é um hino sacro católico) “Estrela do Céu”. A oração era habitualmente cantada na freguesia de São João de Vila Chã em épocas de calamidade ou de guerra. Nos dias 15 e 22, o jornal voltará ao assunto. Na altura, já a não se proferia, e, depois de terem recorrido sem resultado a toda a gente moça, recorreram a uma velha habitante do lugar que a “trauteou como pôde”, explica, com base nestas notícias, o santuário erguido no local.

“O Reverendo Abade da Freguesia informou na altura que tal oração era usada na freguesia à uns quarenta e tal anos, pois, tendo o pároco 61 anos, lembrava-se dela quando criança, mas pôde garantir que desde então e até às Aparições, ninguém nela falava, e muito menos era usada

na freguesia. O pároco referiu ainda que este facto foi um dos que o levou a acreditar na história do rapazinho, pois nem este nem a sua mãe teriam conhecimento da existência dessa oração. Isto faz com que o pároco acredite que há verdade nas declarações do rapaz, acerca da Aparição", lê-se na página oficial do Santuário de Nossa Senhora da Paz.

O Século, 23 de julho

Surge a primeira notícia sobre o caso da Cova da Iria num jornal de âmbito nacional. É o correspondente do jornal "O Século", na Meia Via, Torres Nova. O "despacho", como chamavam às peças vindas de fora da redação, data de 21 de julho, uma semana depois da terceira aparição. O que levou Artur Gonçalves (terá sido este republicano a escrevê-lo, já que foi correspondente do jornal com sede em Lisboa, mas com uma desenvolvida rede de informadores pelo país fora) a dedicar alguma atenção ao assunto, embora morasse a cerca de 25 quilómetros de Fátima, foi o facto de correr com insistência, na povoação, "o boato de que num determinado ponto da serra de Aire apareceria no dia 13 do corrente a mãe de Jesus Cristo a duas criancinhas, a quem já por diversas vezes tinha aparecido, e no mesmo local". E conta que "o acontecimento foi tão empolgante que, em Torres Novas, vila, como todos sabem, abundante em alquilarias, no referido dia não se encontrava sequer um carro para alugar, chegando mesmo a fechar bastantes estabelecimentos".

Nesse dia, data da dita terceira aparição, os "numerosos" torrienses mais curiosos, na sua maioria religiosos, regressaram a casa por volta das duas da tarde "entoando cânticos e hinos à Virgem e soltando alguns vivas". A seguir reproduz a conversa que teve, já no dia 14, com uma emotiva "mulherzinha" que esteve entre as milhares de pessoas que viram, logo a seguir a "um ruído semelhante ao ribombar do trovão", as "duas crianças, que estavam junto duma carrasqueira circundada por muitas florinhas, creio que paradisíacas, irromperam num choro aflitivo, fazendo gestos epiléticos e caindo depois em êxtase".

"A uma delas, a que tinha o privilégio de ouvir e ver a santa, fizeram várias pessoas muitas perguntas, às quais respondia dizendo que via uma espécie de boneca muito bonita, que lhe falava. Tinha, dizia, um resplendor em torno da cabeça e chamava-a para junto de si, numa voz muito fininha e melodiosa. Entre muitas coisas que lhe disse, a principal foi anunciar-lhe a sua reaparição do dia 13 a um mês e no mesmo sítio, aparecendo ainda mais outra, para declarar o motivo por que tinha vindo ao mundo", descreveu a citada mulher, "sincera e verdadeira", cuja versão foi corroborada por outras pessoas, ao correspondente, para quem o caso parecia "extremamente irrisório" e tratava-se, na certa, duma premeditada especulação financeira, cuja fonte de receita existe nas entranhas da serra, em qualquer manancial de águas minerais que recentemente tenha descoberto algum indivíduo astucioso que, à sombra

da religião, quer transformar a serra de Aire numa estância miraculosa como a velha Lourdes. As autoridades já tomaram conta do caso, e, se ainda o ignoram, servir-lhe-á o comentário de aviso".

O Mensageiro, 25 de julho

O jornal católico leiriense, fundado em 1914 pelo padre José Ferreira de Lacerda com o intuito de restaurar a diocese de Leiria, replica o artigo do diário "O Século" de dia 23, apenas mudando o título para "Aparição miraculosa?"

João Semana, 29 de julho

Volta ao assunto e afirma que a autoridade eclesiástica iniciou o processo e que, enquanto o arcepreste local concluía pela veracidade dos factos, milhares de pessoas citavam milagres e deslocavam-se ao Barral, segundo lembrou em 1977 no mesmo jornal, o padre Manuel Pires Bastos no artigo "Fátima na Imprensa Vareira — Há 60 anos: o 'milagre do sol'".

Anos mais tarde, "o probo historiador e professor universitário padre Avelino de Jesus Costa [natural de Vila Chã e à data com 19 anos], que se debruçou sobre o assunto, admite a veracidade dos factos", adianta Pires Bastos, pároco de Ovar e atual diretor do quinzenário.

O Ouriense, 29 de julho

«Real aparição ou suposta... ilusão» é o nome do artigo que o periódico de Ourém publica, o primeiro texto feito de raiz por um jornal regional, segundo o Luís Miguel Ribeiro Ferraz. A peça está escrita "num tom menos céptico quanto à veracidade dos factos, apesar de não afirmar directamente, mas assumindo uma postura maravilhada e algo esperançosa de que a 'Rainha dos Anjos' possa vir a 'fazer desta freguesia uma segunda Lourdes' e dá "conta dos milhares de pessoas que tinham acorrido a 'esta freguesia' para ver as referidas aparições. O autor refere não ter sido testemunha, mas ter ouvido relatos, e conclui: 'Foi simplesmente admirável, por ora mais nada digo'", anota o historiador na sua tese de mestrado "As aparições de Fátima e o seu impacto local (1917-1927), uma "leitura histórica-teológica a partir do semanário O Mensageiro" concluída em 2012.

O Mundo, 18 de agosto

Pela primeira vez, o diário dos republicanos mais radicais, dedica um artigo ao assunto, com o título "Impostores". Que começa assim: "Em pleno século XX existem impostores que nada ficam a dever, na charlatanice audaciosa, ao célebre José Balsamo, mais conhecido por conde de Cagliostro". Entre outras tropelias feitas por este italiano do século XVIII, que esteve em Portugal e acabou preso na Bastilha e expulso de França por causa de um colar (envolveu-se no célebre caso do

colar da rainha, um dos que levou à revolução francesa), conta-se o facto de fazer reuniões com fiéis, fazia com as crianças... vissem aparições místicas".

Giuseppe Giovanni Battista Vincenzo Pietro Antonio Matteo Balsamo era, segundo o mordaz "O Mundo", um "milagreiro, curava todas as maleitas com uns pozinhos, dava vista aos cegos, descobria tesouros, falava em segredo com o padre eterno, adivinhava o futuro e transformava os mais vis metais em outro puro". E "passou por santo, por eleito de Deus, quando não era, afinal, mais do que um refinado velhaquete, um bandido da pior espécie. Vendia a mulher, que era formosa, como se fosse uma mercadoria de praça pública. Entrou e saiu das cadeias vezes sem conto".

"Esse José Balsamo da serra de Aires deve ser o mesmo, ou seu comparsa, que fazia aparecer santas em Monção e ali para as bandas de Aveiro. A raça dos impostores, que é à custa da religião e das crenças católicas de certo povo bisonho tem exercido a sua indústria através dos tempos, ainda não acabou. E é só sob esta união sagrada que os inimigos da Pátria e da República tanto odeiam, que com ousadia extreme os impostores vão praticando sem punições todas essas proezas de estupidez e de cegueira", comenta o jornal, concluindo: "Abra o povo os olhos e corra a chicote os charlatões que negoceiam com a sua crença religiosa".

O Mundo, 19 de agosto

"A burla das Verdades" é o segundo artigo do periódico dirigido por dedicado a Fátima. O nome diz tudo, o texto segue a linha do anterior e de outros (poucos) que ainda irá publicar.

O Mensageiro, 22 de agosto

O jornal publica uma carta do padre Manuel Marques Ferreira, que foi o primeiro a interrogar Lúcia, poucos dias depois, desde a primeira até à última dita aparição. O pároco de Fátima vem, "com toda a repulsão do coração de padre católico", defender-se da suspeita de ter sido cúmplice no brusco arrebatamento das criancinhas, que dizem ver Nossa Senhora nesta freguesia, à autoridade de seus pais e à satisfação que desejavam as 5 a 6 000 pessoas (segundo os cálculos) que, muitas à distância de tantas léguas e com enormes sacrifícios, vieram para as ver, falar e ouvir falar".

Escreve o prelado que o administrador do Concelho de Ourém, sobre quem recai a acusação de rapto dos pastorinhos, não lhe disse antecipadamente o que ia fazer. "E se foi providencial – que foi – a autoridade levar furtivamente e sem ocasião de resistência as criancinhas, não foi menos providencial a acalmação dos ânimos excitados pelo diabólico boato – aliás teria esta freguesia hoje a lamentar a morte de seu pároco como cúmplice.

Mas desta vez ainda a cilada do demónio não logrou ferir de morte devido certamente à Virgem Mãe." O padre explica ainda que a autoridade administrativa, "depois do longo interrogatório das criancinhas em suas casas", as levou para a sua residência, sem ele perceber a razão. "Escolheu a minha casa com que fins? Para se furtar às vias que seu ato iria provocar? Para que o povo se amotinasse, como amotinou contra mim como cúmplice? Para... outro fim?" Manuel Marques Ferreira não sabe responder, mas declina "toda a responsabilidade que cabe a tal modo de proceder, e, que Deus pode sempre velar pelos seus".

O padre sente ainda necessidade de justificar, na mesma missiva que fará publicar em mais dois jornais, a sua ausência na Cova da Iria: "Se a minha ausência como pároco no local se faz sentir aos crentes, não menos se faria sentir a minha presença aos descrentes, em desprimor da verdade dos factos. A Virgem Mãe não precisa da presença do pároco para mostrar a sua bondade, e é necessário que os inimigos da religião não possam deslustrar o brilho de Sua Benevolência atribuindo a crença dos povos à presença ou conselho do pároco porque a fé é um dom de Deus e não dos padres: – eis o verdadeiro motivo da minha ausência e aparente indiferença em tão sublime e maravilhoso assunto: – eis porque não tenho dado meu claro parecer às mil interrogações e cartas que se me têm dirigido.

"O inimigo não dorme. Ruge como o Leão", concluiu o pároco de Fátima.

O Ouriense, 25 de agosto

publica a carta do padre Manuel Marques Ferreira igual à que saíra três dias antes em "O Mensageiro" e neste mesmo dia no jornal "A Ordem". Dizem os investigadores que compilaram a "Documentação Crítica de Fátima" que "entre as três redações, não existe diferença essencial", notando-se "no pároco uma preocupação de adaptar cada carta à publicação a que era destinada". No caso de "O Ouriense", a diferença está "no post scriptum": "Chegou no dia 15, a autoridade com as crianças a minha casa, onde se ajuntaram os pais das mesmas e muitas outras pessoas perante as quais pretendeu com todas as amabilidades explicar o seu modo de proceder".

A Ordem, 25 de agosto

Surge também a carta do padre Manuel Marques Ferreira que já publicada em "O Mensageiro" e, neste mesmo dia, em "O Ouriense".

O Mensageiro, 29 de agosto

"Recomendações oportunas – Uma proibição do bispo de Orleans" que não são mais do que um aviso: é preciso ter cuidado com as

aparições e ter em conta a proibição de os padres falarem sobre esse género de acontecimentos, principalmente em tempo de guerra.

O Mensageiro, 27 de setembro

publica um despacho de Alcobaça, dando conta de que "foi daqui grande concorrência de povo a Fátima afim de observar as muitas coisas que se têm dito sobre a suposta aparição de Nossa Senhora naqueles sítios".

O Mensageiro, 11 de outubro

publica o anúncio a uma estampa de "Nossa Senhora da Paz (Recordação da Fátima)", sem imagem da mesma, mas com o comentário: "Linda estampa para quadro, remete-se pelo correio a quem enviar 50 réis em estampilhas. Faz-se desconto para grandes quantidades. Vendem-se na Imprensa Comercial, à Sé".

Diário de Notícias, 11 de outubro

Duas notícias. Uma em que resume o acontecimento de "quinta-feira de ascensão", dizendo que apareceu "uma visão" a umas criancinhas que andavam a guardar gado, quando estas rezavam o terço. E que os avisou que iria aparecer mais seis meses, sempre a dia 13. "No mês passado, o número das pessoas que aquela localidade foi com esse intuito [de "assistir ao colóquio da visão com as inocentes crianças"] era superior a 20 mil".

Na outra, profética, dirigida ao clero, faz referência à especulação comercial do caso: "E também há quem, a par de uma ampla e sumptuosa igreja constantemente repleta, imagine ver levantados vastos hotéis com todos os confortos modernos, bem fornecidas lojas atulhadas de mil e um objetos de piedade, comemorativos da Senhora de Fátima, e construído um ramal de caminho de ferro que nos conduza ao futuro miraculoso santuário com mais comodidade do que as traquitanas que para lá acarretam agora a maioria dos fiéis e dos curiosos".

O Século, 15 de outubro

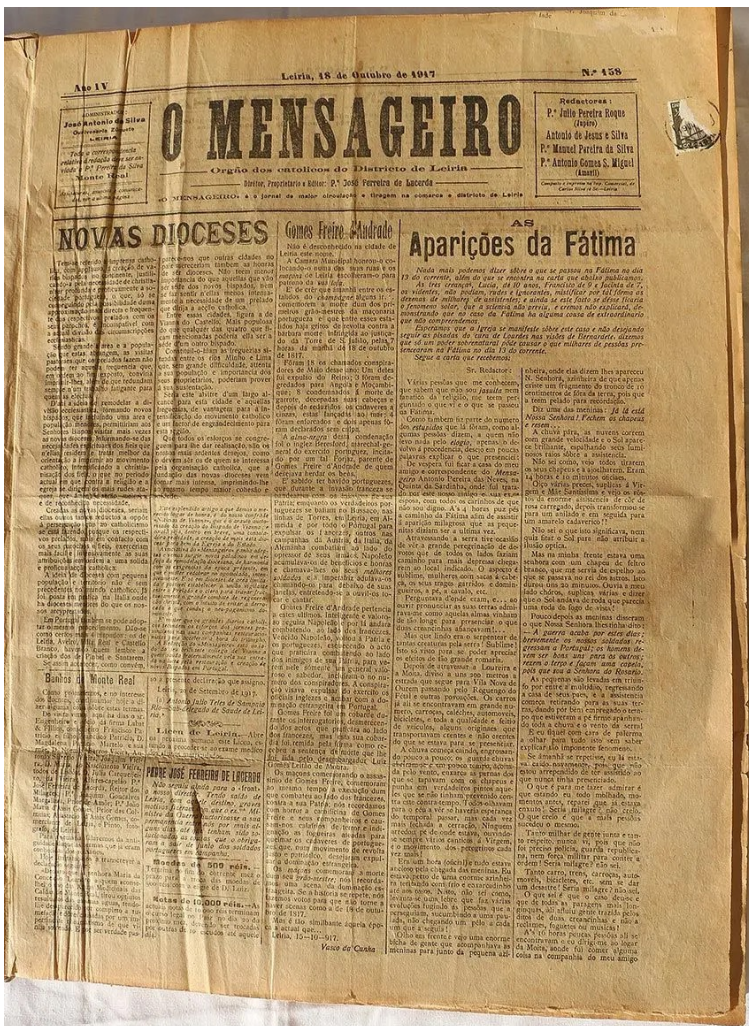
O jornal republicano dá a primeira página à reportagem que se tornará peça incontornável quando se fala do acontecimento que envolveu três pastorinhos de Fátima, a Igreja e que se tornou num fenómeno de turismo religioso em termos mundiais. O autor da prosa, cujo título é "Como o sol bailou ao meio dia em Fátima", debaixo do subtítulo "Coisas espantosas" (conjunto que dá o tom À prosa), é o jornalista é Avelino de Almeida, que também foi critico de teatro e escreveu para "A Capital" e para a revista católica "A Lanterna". A reportagem é sobejamente conhecida, a primeira parte é a descrição dos milhares de crentes e não crentes, da multidão que aglomera, da atmosfera carrega de nuvens cinzentas e chuva. Perto da hora marcada (que é o meio-dia,



embora devido à recém mudança da hora, já são 13h, mas a "hora antiga é a que regula a multidão")), "talvez meia hora antes da indicada como sendo a da aparição", chegam as crianças.

"Conduzem as rapariguinhas, coroadas de capelas de flores, ao sitio em que se levanta o pórtico. A chuva cai incessantemente mas ninguem desespera. Carros com retardatários chegam à estrada. Grupos de freis ajoelham na lama e a Lucia pede-lhes, ordena que fechem os chapéus. Transmite-se a ordem, que é obedecida de pronto, sem a mínima relutância. Ha gente, muita gente, como que em êxtase; gente comovida, em cujos lábios secos a prece paralisou; gente pasmada, com as mãos postas e os olhos borbulhantes; gente que parece sentir, tocar o sobrenatural..." E prossegue com o fenómeno ao qual também assistiu. Para concluir: "Resta que os competentes digam de sua justiça sobre o macabro bailado do sol que hoje, em Fátima, fez explodir hosanas dos peitos dos fiéis e deixou naturalmente impressionados – ao que me asseguraram sujeitos fidedignos – os livres pensadores e outras pessoas sem preocupações de natureza religiosa que acorreram à já agora celebrada charneca".

Diário de Notícias, 15 de outubro



"sugestão tomou imediatamente aqueles milhares de crentes e curiosos. Como grande número de pessoas tivesse os guarda-chuvas abertos [chovia desde manhã], os pequenos mandaram fechá-los e, coisa estranha, segundo o testemunho de milhares e milhares de pessoas, o sol apareceu com uma cor de prata fosca, numa agitação circular como se fosse tocado pela electricidade, segundo a expressão empregada por pessoas ilustradas que presenciaram o facto". E, entre outros pormenores, adianta: "A sugestão destes videntes estendia-se a outros a quem eles explicavam o fenómeno, e por esse motivo, muitos pregando que o astro real viria precipitar-se no solo, romperam em altos gritos, impetrando a proteção da Virgem".

O Mensageiro, 18 de outubro

É neste dia, segundo o historiador Luís Miguel Ferraz que analisou o comportamento deste periódico face ao fenómeno, que o jornal "muda radicalmente a sua abordagem" e publica na primeira página uma cartade Carlos Silva, que diz ter presenciado os acontecimentos e não ser "jesuíta nem fanático da religião", mas estava maravilhado com "o que se passou de extraordinário nos astros que os astrónomos o não

Num despacho de Vila Nova de Ourém, datado de 13, o diário lisboeta de âmbito nacional, conta o acontecimento do dia 13, de um modo menos empolgante do que o seu concorrente "O Século".

O jornal, quanto à afluência à Cova da Iria, fala em "extraordinário número de pessoas" e, para se fazer uma melhor ideia, dá uma nota dos veículos que passaram por Ourém: "carros, 240; bicicletas, 135; automóveis para cima de 100". E diz que à hora marcada, pelas 13h, com a chegada das três crianças, que logo se postaram de joelhos, junto a um altar ali improvisado, a

anunciaram” e com o facto de “duas pastorinhas” levarem “tantos milhares de pessoas a um ermo só para vêr o Sol”. O jornal, apesar de continuar a aguardar uma palavra da Igreja sobre o assunto, passa a admitir que as três crianças, “os videntes, não podiam, rudes e ignorantes, mistificar por tal forma as dezenas de milhares de assistentes”. Acrescentando: “ainda se este facto se desse ficaria o fenómeno solar, que a ciência não previu, e cremos não explicará, demonstrando que no caso de Fátima há alguma coisa de extraordinário que não compreendemos”.

O Dia, 19 de outubro

Maria Madalena de Martel Patrício, católica, poetisa, que contará com 14 nomeações para o Prémio Nobel, entre 1934 e 1947, ano da sua morte, escreve a prosa poética “Impressões de Fátima”, assinando como era seu hábito Maria Magdalena. “Despovoaram-se os lugares, as aldeias, as cidades próximas...” começa para em seguida descrever a região e o ambiente atmosférico, num dia em que “a chuva caía, caía, macia e teimosa”.

Para se ter uma ideia, ficam aqui dois parágrafos: “Operários da Marinha, lavradores de Monte Real, das Cortes, dos Marrazes, serranas de longe – das serras do Soubio, de Minde, de Lourical, gente de toda a parte onde chegasse a voz do Milagre, deixavam as casas e os campos e vinham por ali fora cavalo, de carro ou a pé cruzando as estradas, atravessando montes e pinhais, de longa da pelos caminhos que durante dois dias se animaram do rodar dos carros, do chouto dos jumentos, do vozear dos grupos dos romeiros. Caminhavam sempre subindo a serra iluminados pela fé, na ânsia do milagre que Nossa senhora prometera, no dia 13, pela uma hora, hora do sol, às almas simples e puras de três crianças que apascentavam gados! O texto será reproduzido na edição de “O Mensageiro” de 25 de outubro.

A Beira Baixa, 20 de outubro

Traz uma reflexão sobre o assunto. “Não sabemos nem nos cumpre a nós pronunciar-nos sobre tão melindroso assunto”, escreveu o jornal, embora reconhecendo, como refere Luis Ferraz, que “o poder de Deus é infinito, os milagres têm-se dado, podem dar-se e repetir-se”. E conclui o regional: “À autoridade eclesiástica cumpre pronunciar-se sobre o ocorrido com aquela ponderação que emprega sempre em casos idênticos. Enquanto isso se não der, nós, sem pormos em dúvida o que milhares de pessoas affirmam ter visto (porque isso seria negar a evidência), não diremos que houve milagre nem que o não houve. Somos filhos da Igreja e submeter-nos-emos ao que a este respeito fôr dito pelos seus legítimos representantes. Nem precipitados nem contumazes”.

O Século Cómico, 22 de outubro

É a primeira das pelo menos três vezes que se refere ao assunto, o suplemento humorístico do jornal "O Século", cujo editor é Alexandre Augusto Ramos Certã, que será reconhecido legalmente como revolucionário civil de 5 de outubro de 1910, dia da implantação da República, em que participou como maqueiro e, por isso, foi agraciado com a medalha de cobre da Cruz Vermelha. Assinado por J. Neutral, a "palestra amena" intitulada "A aparição da Virgem" é de refinada ironia e bom humor cético. O autor diz que em setembro e outubro andou "veraneando não longe do local", mas resolveu não teve curiosidade alguma, preferindo conservar-se na sua "habitual indiferença, como se a aparição da mãe de Jesus Cristo fosse", para si, "a coisa mais natural do

mundo", muito embora tivesse visto passar rumo à charneca "centos, milhares talvez, de peregrinos: crentes, curiosos, amadores de 'picnics', vendedores de água fresca e capilé, 'reporters', negociantes de vinho a retalho, uma variada e interessante multidão". Todos movidos por um motivo "em absoluto coerente e de modo algum revelador de desequilíbrios de faculdades". Embora entre aqueles que ocorreram ao "arraial", os mais estranhos pudessem ser os que acreditavam na aparição e as que diziam ter visto a Virgem Maria, para Neutral justificava-se a crença: "Então não se acredita, por exemplo,



que há ministros que fazem milagrosamente desaparecer um 'deficit' orçamental com uma simples penada, que outros se fossem ao poder fariam descer imediatamente os preços dos géneros até à normalidade,

etc. Fanáticos há-os em toda a parte e em todos os sentidos, desde o que fala com a Virgem Maria nos penhascos de Fátima, até aos que têm por infalíveis as predições do sr. António José de Almeida", na altura, ministro das Finanças e futuro Presidente da República (o sexto).

A Liberdade, 23 de Outubro

2 O SEculo COMICO

PALESTRA AMENA

A aparição da Virgem

A poucos quilómetros de Vila Nova de Ourem, n'uma charneca pertencente à freguesia de Fátima, aparece na tarde do dia 15 de cada mez, a Virgem Maria, em carne e osso, segundo o testemunho de certo pastorinho, confirmado por pessoas que estão em divina graça, por quanto as restantes negam-se hereticamente a acreditar em tão miraculoso facto.

Em setembro e outubro do ano corrente encontravamo-nos veraneando não longe do local da aparição e confessamos que não nos moveu a curiosidade assistir, antes nos conservávamos na nossa habitual indiferença, como se a aparição da mãe de Jesus Cristo fosse para nós a coisa mais natural d'este mundo. Vimos passar para a charneca centos, milhares talvez, de peregrinos: crentes, curiosos, amadores de *pic-nics*, vendedores de água fresca e *cupilé*, *reporters*, negociantes de vinho a retalho, uma variada e interessante multidão, e dedicámos apenas alguns momentos de cogitação á causa da romaria.

Cogitação, mas não admiração. O motivo que levava cada uma d'aquelas pessoas ao arraial era em absoluto coerente e de modo algum revelador de desequilíbrio de faculdades. Para o leitor, educado no positivismo moderno, as que lhe parecerão mais estranhas são, certamente, as que acreditam na aparição e as que dizem que *nirram* a Virgem Maria.

Pois a nós essas mesmas pessoas se nos afiguram rassoáveis, visto que o seu espirito foi educado no misticismo: então nas cidades, nos centros a que convencionalmente chamam civilizados, não se acredita em bruxas, não annunciam os cartomantes a infalibilidade das suas profecias e não são elas consultadas até por individuos que todos temos por conspicuos e inteligentes?

Então não se acredita, por exemplo, que ha ministros que fazem, milagrosamente desaparecer um *deficit* orçamental com uma simples penada, que outros se fossem ao poder fariam descer imediatamente os preços dos generos até á normalidade, etc. Fanáticos ha-os em toda a parte e em todos os sentidos, desde o que fala com a Virgem Maria nos penhascos da Fátima, até aos que tem por infalíveis as predições do sr. António José de Almeida.

Ainda ha poucos dias ouvimos a um democratico, em confidencia, baixinho, a proposito da visita do sr. Afonso Costa ao front:

—Não diga nada, meu caro, mas vai impôr a paz aos alemães. D'esta vez é que eles não tem remédio semo ceder. Felizes os que creem!

J. Neutral.

GLU-GLU-GLU

Lá apreendea o Perú dez navios alemães!
Até o Perú! já é galinhão!

Coerencia

Mostra certa relutancia em ajudar a comemoração do centenario de Gomes Freire o nosso amigo Faustino da Fonseca, o que da parte de um liberal, como este é reconhecidamente, causou geral estranheza.

Tivemos hontem a explicação do caso, dada pelo proprio Faustino, que encontramos por acaso no Chiado quando ia para a Biblioteca.

Comprimntamos amigavelmente, como de costume, ele correspondeu com meia dúzia de gargalhadas estrondosas, tambem como de costume, passando o que abordámos o assunto.

—O' Faustino, é verdade que você tem certa antipatia pelo Gomes Freire?

—Ahi ahi ahi! Pois é claro que tenho. Ahi ahi ahi!

—Porque razão?

—Ahi ahi ahi! Vossê bem sabe que eu nunca pude tolerar os frades! Ahi ahi ahi!

Ficámos estarcidos e observámos:

—Mas que diabo tem uma coisa com outra?

O Faustino:

Ahi ahi ahi! Tem muito. Ahi ahi ha!

O dito Gomes era frade. Ahi ahi ahi!

—Perdão... mas vossê está equivocado...

—Ahi ahi ahi! Não estou tal: Gomes Freire, isto é, *Frade*. O nome o está dizendo. Ahi ahi ahi!

Separámo-nos sem mais explicações. Ahi ahi ahi!

Avé, Maria!

Já aqui revelámos que na proxima representação do *Martir do Calvario*, peça com que reabre o teatro Apolo—em boa hora o faça—o papel de Jesus Cristo foi distribuido ao ator Rafael Marques, accentuando nós a felicidade da escolha, porquanto este artista tem todas as condições físicas para apresentar do macerado Nazareno.

Agora revelaremos que a Virgem Maria será nem mais nem menos do que a illustre atriz Adelina Abranches, e não accentuaremos menos calorosamente que d'esta vez a escolha tambem foi de se lhe tirar o chapéu. Moralmente é claro que a analogia nem se discute; quanto ao físico, pelas fotografias que a mãe de Jesus nos deixou, Adelina é ela por uma pena.

Em geral, podemos assegurar que todas as personagens foram sabiamente distribuidas. Só nos falta saber quem é que vai fazer o papel da burrinha em que a Senhora fugiu para o Egipto, mas confiamos em que recairá em quem não desmanche o conjunto, como soe dizer-se.

Como fuge um submarino

Aquela do submarino alemão, guardado cuidadosamente n'um porto hespanhol, se pôr ao fresco sem ninguém dar por isso, tem intrigado muita gente, tanto mais que as autoridades encarregadas da vigilância foram, quando os superiores lhes notificaram o castigo, quasi que elogiadas, afirmando estes que no logar d'elas provavelmente teriam tambem sido iludidas.

Não nos parece que haja motivo para surpresas: tudo depende da especie do submarino em questão.

Suponham, por exemplo, que o submarino tinha azas: como se havia de evitar que voasse?

Imaginemos que era d'aquelles que não tem azas nas d'uns que tem a propriedade de se fazerem tão pequeninos que ficam do tamanho de uma pulga: como se havia de dar, á primeira vista, com o desaparecimento?

Fantasiemos ainda que o dito submarino foi muito simplesmente levado por terra, ás costas d'um moço de fretes; é claro que, não supondo ninguém que um submarino pudesse fugir senão por mar, não havia sentinelas pelo lado de terra, falta absolutamente desculpavel.

Fosse como fosse, a neutralidade hespanhola afigura-se-nos mais uma vez indiscutível—caramba!

Livros, livrinhos e livrecos

Estamos em falta para com muitos autores e editores, que nos tem enviado obras, na ausencia do redator encarregado d'esta secção, o qual tem estado no campo—porque tambem é gente, como qualquer de nós, e precisa de descanso de ano a ano. Acusamos desde já a recepção de: *Triste*, sonetos de Esmeralda de Santiago; *Mutilados da guerra*, de José Pontes; *Coração*, de Urbano Rodrigues; *Veneno*, de Rocha Junior; *Outra vez Praxedes*, de André Brun; *Minha Patria*, de Simeão Vitoria; *Almanaque dos palcos e salas para 1918*, de Arnaldo Bordalo.

O dito redator distribuirá oportunamente as sovás respectivas. Sob nossa responsabilidade apenas publicamos antecipadamente um excerto do *Outra vez Praxedes*, por sermos intimos amigos do autor e por serem os amigos para as occasiões.



Publica o testemunho de um padre que esteve em outubro em Fátima

A Capital, 24 de outubro

Com o antetítulo "Naturismo" e o título "Sol d'Outono", o diário da noite publica um texto do doutor Amilcar de Sousa, para quem o naturismo "é uma religião e uma terapêutica; uma higiene e uma fé". O fundador da Sociedade Vegetariana de Portugal, em 1908, não toca nos acontecimentos de Fátima, mas aproveita para fazer um elogio ao sol, astro de "apetecedor enlevo e de saboroso anseio" e dando o seu exemplo, médico que toma o mesmo remédio que

receita aos seus doentes, interroga-se: "onde está um sacerdote que pratique o que manda fazer aos fiéis?" Isto porque, como explica, no local onde reside, no Campo Pequeno, em Lisboa, num sanatório para tratar doentes agudos e crónicos, há um retiro próprio para adorar o sol - "é um dos poucos sítios neste país onde se pode exercer o culto ao deus da energia, da vontade e da força". Todos os dias de manhã, Amilcar de Sousa toma sol. "E não estou só. Alguns doentes me acompanham no devocionário, para se tratarem. O médico faz aos enfermos o tratamento

que ele mesmo usa. O médico vive ainda n'um mais estreito Âmbito dietético, mais apertado regime", explica.

"Quem não tenha forte crença - também se não cura. Eu creio no Sol. Eu amo os ventos. Eu creio no poder da Natureza. Eu louvo a água, o exercício, as plantas! Ao sol d'ouro e de fulgor teço as venturas mais dedicadas. É ele que me faz viver, que me anime, que me dá energia, que me manda até continuar no caminho da verdade", conclui.

Diário de Notícias, 24 de outubro

"Durante a noite de ontem, algumas pessoas que se fizeram transportar num automóvel a Fátima, foram ao local onde se deu o tão afamado fenómeno do dia treze do corrente mês, e de que tanto a imprensa se tem ocupado e, munidos dum machado, cortaram a carvalheira, sob a qual as três crianças (pastoras) se apresentaram naquele dia", noticia, acrescentando que os mesmos levaram consigo a árvore, "assim como uma mesa, sobre a qual alguns crentes haviam armado um modesto altar, onde foi encontrada a fotografia duma imagem religiosa (Nossa Senhora), um

arco que a encimava, feito de rama de murteira, duas lanternas de folha, duas cruzes, sendo uma de madeira e outra de cana, envolta em papéis de seda". O correspondente de Santarém, autor da peça, adianta que todos os objetos, incluindo dois vasos com plantas, se encontravam expostos na cidade, num primeiro andar do largo do Seminário, desde as nove horas da manhã. "O caso deve ter produzido grande sensação no espírito dos crentes e bons católicos da Fátima e suas cercanias. Constatou-se que iam ser pagas as entradas para a visita aos ramos da árvore e imagens e que o apuro reverteria em benefício das Cantinas Escolares desta cidade, mas sabemos que a direção desta instituição de caridade recusa qualquer quantia que daí provenha", conclui.

O Mensageiro, 25 de outubro

Toda a primeira página é dedicada ao fenómeno da Cova da Iria, com exceção de duas pequenas notícias, uma sobre as eleições no concelho de Leiria, previstas para os dias 4 e 11 de novembro e às quais concorrem os católicos aliados aos monárquicos contra os vários partidos republicanos; e outra sobre a fundação de mais um centro católico, desta feita na freguesia de Chãos, concelho de Ferreira do Zêzere. E ainda meia coluna de agradecimentos pelas felicitações recebidas no dia do seu terceiro aniversário.

Em duas colunas de alto a baixo, reproduz o artigo publicado em "O Dia" de 19 de outubro. Em meia coluna, replica um "recorte" de uma entrevista ao astrónomo Frederico Oom publicada no "Diário Nacional" que, por sua vez, já a copiara de o jornal "O Século". No caso, apenas replica a parte que refere a ausência de registo de qualquer fenómeno nos observatórios astronómicos e meteorológicos, para argumentar

contra os "infelizes artigos" de Domingos Pinto Coelho que "tão desagradável impressão produziram nos meios católicos". Ao lado, por alguém que assina Ignotus, surge coluna e meia de resposta ao "cego de espirito" Miguel Pinto, colaborador do "Jornal de Leiria" e do "Marinhense" que fala de Nossa Senhora com muito menos respeito que falaria da mais humilde e rústica das criaturas".

É ainda anunciada, "para os próximos números", uma "curiosa entrevista com as meninas Lúcia e Jacinta e com o menino Francisco Marto, os três que afirmam ter visto e falado com Nossa Senhora do Rosário. A fim de bem informar os leitores deste jornal, o diretor d'O Mensageiro visitando o local da aparição, após os últimos sucessos falou com cada um dos videntes".

O Mundo, 26 de outubro

É publicado o manifesto contra Fátima, da autoria da Comissão de Propaganda da Associação do Registo Civil, uma organização republicana odiada pelos católicos.

O Século, 26 de outubro

Pela pena do seu correspondente em Santarém, dá a notícia de dois dias do derrube da azinheira e do roubo do altar. "A noite passada muitos populares organizaram um cortejo à laia de procissão, levando à frente uns tambores e a seguir os ramos da célebre árvore da aparição da Virgem em Fátima. Pelo mesmo cortejo eram conduzidos o arco de murta, as lanternas acesas, a cruz e mais objetos que os crentes tinham colocado no improvisado altar. O acompanhamento

entoava pitorescas 'ladainhas', e, num passo cadenciado, percorreu as principais ruas da cidade, dispersando na praça Sá da Bandeira, de onde tinha saído, indo muitos dos manifestantes depois juntar-se defronte duma janela, na rua Direita, de onde tinha sido lançado um balde de água, que apanhou alguns manifestantes e um dos polícias que no cortejo se tinham incorporado, e ali permaneceram algum tempo, em atitude hostil ao dono da casa, até que um cabo e um guarda da polícia cívica apareceram, pedindo aos manifestantes para dispersarem o que depois fizeram.

Diário de Notícias, 26 de outubro

Publica uma carta dirigida ao ministro do Interior, na qual refere a "procissão" em Santarém, pormenorizando: "Um dos populares conduzia a carrasqueira, um outro, acolitado por mais dois, figurando de eclesiásticos, conduziam, sob um chapéu de sol, uma cruz e, por fim, uns outros transportavam a estampa duma imagem religiosa, sendo encimada por um arco de murtinheira, ladeada por duas lanternas. Ao som do badalar duma campainha e do rufar dum tambor, cerca de cem populares

entoavam uma ladainha, sendo sobre os mesmos e um polícia civil lançado um

balde de água, quando passavam próximo da ourivesaria Lemos". E adianta que a senhora que atirou o balde de água foi multada pela polícia. Mas, e daí o apelo ao governante, a questão fulcral é a de que a manifestação "representa um vibrante desacato à lei de separação da Igreja do Estado, e ao livre pensamento dos outros e, por isso, o administrador deveria tê-la proibido, tendo em vista que a lei proíbe procissões religiosas sem consentimento da autoridade administrativa, argumento que será usado em relação a Fátima.

A Ordem, 27 de outubro

Replica o artigo em forma de carta ao ministro que o "Diário de Notícias" publicou na véspera.

João Semana, 28 de outubro

O jornal de Ovar, que se prestara a dar eco da aparição no Barral, tardou em dar notícias sobre o caso de Vila Nova de Ourém. Neste dia, rompe o silêncio e fala em Fátima, "este nome ainda há pouco ignorado em Portugal e que tem sido nestes últimos dias pronunciado por milhares de lábios e ficará indelevelmente gravado na memória de muitos que o juntarão a outros nomes já santificados pela piedade católica, porque encerram as mais extraordinárias e carinhosas manifestações do amor de Maria Santíssima para com os homens". A peça não está assinada, na opinião do diretor do periódico regional, que ainda hoje se publica, terá sido escrita pela redação do "Mensageiro Parochial", de Viseu, "um dos semanários que se publicavam em duplicação com o "João Semana". O padre Manuel Pires Bastos (num artigo que escreveu para o jornal em 1977 e agora à disposição no blogue do jornalista Fernando Pinto, que tem dedicado aos artigos do "João Semana") também se manifesta admirado por o jornal ter mostrado "tanta preocupação" em relação aos "fenómenos da Cova da Iria, ao constatarmos que deu razoável e imediata cobertura a umas pretensas aparições ocorridas no lugar do Barral". E interroga-se: "Teriam as novas de Fátima tardado em chegar aqui? Teria sopesado a favor do crédito do Barral o facto de o seu caso ter vindo a público no semanário católico "A Ordem", do Porto, de 9 de Junho imediato? Seria apenas por acatamento às reservas impostas pela Igreja relativamente aos acontecimentos de Fátima? Ou um pouco por prudência, para evitar as críticas dos detractores, escandalizados por tantas manifestações do sobrenatural? Certo é que os responsáveis do 'J. S.' só se dispuseram a quebrar o silêncio depois de todo o País ter comentado, estupefacto, o 'milagre do sol' através de reportagens da grande imprensa, nomeadamente do 'Século' do dia 15 imediato".

Ilustração Portuguesa, 29 de outubro

Juntamente com a reportagem publicada em "O Século", dia 15, as três páginas com 11 fotografias de Judah Ruah dedicadas ao "Milagre de Fátima" sob a forma de "carta alguém que pede um testemunho insuspeito), igualmente da autoria de Avelino de Almeida, são os testemunhos mais citados por quem se tem dedicado ao sucedido na Cova da Iria. O último parágrafo resume, de certo modo, a peça do jornalista mais tendente, porém, para o mítico do que para o racional - "Milagre, como gritava o povo; fenómeno natural, como dizem sábios? Não curo agora de sabê-lo, mas apenas de te afirmar o que vi... O resto é com a Ciência e com a Igreja..."

O Século Cómico, 29 de outubro

Dedicada a "O Milagre" é a primeira página do suplemento humorístico do matutino lisboeta. "A fome! Esta é que é a verdadeira aparição, palpável e real!..." — é a legenda do cartoon a toda a largura, no qual o Zé Povinho vê, sem grande surpresa, surgir um esqueleto meio tapado por um manto. Na página 3, sob o título "Milagres", o escrito começa assim: "Não: lá que a coisa leva água no bico, isso é que não padece a menor dúvida". Depois de resumir o "bailado do sol ao meio dia" no dia 13 de outubro e "o aparecimento da virgem a uma pastorinha, com a declaração de que a guerra europeia havia terminado naquele momento", o redator diz que o episódio de Fátima "não é nada comparado com outras maravilhas que andam na boca do povo". E conta duas dessas histórias, uma sucedida "pelas vinte e quatro horas de certo dia do mês passado", no sítio da Nazaré; outra, na mesma "província da Estremadura". Na primeira, Jesus Cristo apareceu a dar missa na igreja, depois do sino tocar sozinho, à meia-noite, e no final deu uma vela ao sacristão para que este a fosse deitar ao mar, coisa que não fez apenas porque lhe apareceu uma velha no caminho que o aconselhou a não ir pois podia incendiar a água. A segunda, passa-se com "um rústico" que andava a roubar lenha num pinhal quando lhe apareceu "um rapazinho de 7 anos que se pôs a rir dos esforços do homem" e lhe disse ser capaz de levar a madeira de uma vez e para onde quisesse; como o homem duvidasse, a criança desafiou-o para uma aposta: "'Se eu ganhar, dás-me a tua alma...' O rústico não deixou continuar. Reconhecendo imediatamente que estava tratando com o diabo, benzeu-se, fez figas e logo o tentador se desfez em fumo..."

"Tudo isto, repetimos, nos foi narrado por gente do povo, cheia de fé em tais prodígios. Aqui Há coisa", remata.

Mas as referências não ficam por aqui. Na rubrica, "Carta do 'Jerolmo'", também se brinca com o assunto. Na missiva dirigida à "Crida isposa" e escrita a imitar a oralidade com a pronúncia de uma certa região, o "empresário do Pauliteama de Peras-Ruivas" afirma-se convertido e futuro assíduo de missas com as notícias que a mulher lhe

deu na última carta "arrespêto du milagre da Vrige da O'rem". Mas o propósito da carta é mais "falar" da revista "Ás de Oiros", que fora ver ao Éden-Teatro, em Lisboa, e cuja primeira parte constava "de dois cumpanheiros que passam u tempo a chamar burro um ao outro". E termina pedindo à "isposa" que rezasse à "tal virge" pelo sucesso da peça, já que se tratava de um empreendimento muito simpático "banzá Deus". O redator, que goza com a peça da autoria do jornalista Alberto Barbosa, não podia saber que um dos atores, em estreia oficial, um jovem de 19 anos, estudante de Belas-Artes, viria a ser considerado um artista genial. Era Vasco Santana, "uma bela invenção de fim de século", como se classificará a si próprio numa entrevista de 1958, dada meses antes de morrer, a 13 de julho, com um colapso cardíaco. O seu funeral terá tido a assistência de tantos milhares de pessoas quantos os que se somaram no dia 13 de outubro de 1917 na Cova da Iria.

O Mensageiro, 1 de novembro

Estava prometido para este dia o início da publicação das entrevistas aos três pastorinhos, mas foi adiado. Em vez disso, replica os dois artigos publicados no "Diário de Notícias" sobre o corte da azinheira e o roubo do altar.

O Século Cómico, 5 de novembro

Mais uma carta do "Jerolmo". Desta feita, o "empresário do Pauliteama de Peras-Ruivas" fala à "Crida amétade" sobre a influência do "milagre de Fátima" no teatro lisboeta. É que, nas suas palavras, "as impresas triatais arresolveram fazer pnitensia pellas pocas vergonhas que tem fêto arrepresintar", por isso, passaram a a só pôr "in sena pessas relejiosas". E dá o exemplo da peça em cena no Apolo, onde habitualmente se apresentam "revistas e imoralidades", o "Mártir do Golgota" (na sua linguagem de ouvido "Martel du Gulgóta"), na qual se refere, "nin mais nin menos", a vida de "Rafael Marques ós pois darrependido i de descobrir qui era filho da Virge Maria, cuja esta é a sra. Adelina Aberanxes". Jerolmo diz à sua Zefa que até chorou com tanta religião e que, nos camarotes heios de "catolecos", quando surgiu o ator "Rafael de Jesus Marques" pregado na cruz, "vestido aquaxe que como ceu çantisemo Pai u deitou ó mundo, as senhoras nan faziam cenão dizer: Ai que lindo mártel! Inté us omes eran da mêma inpenião, cunforme munto bem diçe a sra. Sufia Galinha na 'Capetal'". Jerolmo ficou encantado com a revista que promete mais de mil representações e outras mil com o quadro novo "O Milagre de Fátima", um êxito tão acentuado que o Teatro Ginásio, diz ele, vai levar à cena "O Santo António", o Politeama "A Santa Isabel" e, para o República já estava a ser escrita uma oratória chamada "As onze virgens". Jerolmo acaba a carta com um assunto mais sério. "Traduzindo" para português, é assim: "Com isto não te enfado mais porque tenho de ir botas nas eleições pois

segundo diz o Século é dever de todo o cidadão. Com respeito ao que me perguntas das subsistências cá em Lisboa não há dúvida: o que não temos é pão, nem carvão, nem carne, nem peixe, nem arroz, nem batatas, nem feijão, nem açúcar, nem nada — mas o mais há tudo, graças a Deus".

O Mensageiro, 8 de novembro

Inicia a publicação das entrevistas aos três pastorinhos, feitas a 19 de outubro. É uma série de quatro artigos intitulada "As Aparições da Fátima – Conversando com as três crianças".

O Século Cómico, 12 de novembro

O suplemento humorístico do matutino republicano volta a fazer referência ao caso que passara a estar na moda e a ser citado por tudo e por nada, com gozo ou seriedade. Na primeira página, com o título "Revelação esperada", o habitual cartoon é dedicado ao líder monárquico Paiva Couceiro que acaba de lançar o livro "A Democracia Nacional" e surge vestido à D. Quixote falando para um pentiadinho condecorado, de fatiota de gala e charuto na mão, simbolizando as aproximações de três nobres ao novo regime, provavelmente é o ex-rei Manuel II, referido no interior do jornal como tendo convivido com republicanos a quem disse estar-se "nas tintas para o trono"; as outras duas figuras públicas são o marquês de Soveral e António de Bragança. "D. Paiba, lendo a sua última obra: Nada de Constitucionalismo! Falência! Convento da Batalha! Jerónimos! O Ouvinte: Valha-me a Senhora de Fátima, que ele, afinal, era doido!" — é a legenda.

O Mensageiro, 15 de novembro

Prossegue a publicação da entrevista com Lúcia. A pastor de dez anos conta "o modo como a 'Senhora' lhe aparecia. O padre Lacerda confronta com as imagens de Nossa Senhora que estão nas igrejas de Fátima, que ela diz serem diferentes da que via na aparição, e também com a aparição de Lourdes, ao que ela responde: 'Só há dias é que uma pessoa contou em minha casa que Nosa Senhora aparecera em França, mas eu não sei como isso foi'", constatou o historiador Luis Miguel Ferraz em "A notícia das aparições de Fátima no jornal 'O Mensageiro'".

O Mundo, 17 de novembro

"Ação e reação" é o título de mais uma peça dedicada ao "caso deprimente de Fátima", ao "episódio monstruoso" que "só serve para descrédito da religião". Conta que "grande multidão foi a Fátima e cortou uma árvore qualquer, sob a qual as três criancinhas... industriadas, viram santos e santas". E ajuíza: "Essa multidão, sem o querer, representa o sentir de todos os homens inteligentes e honestos, sejam eles católicos ou não".

O Mensageiro, 22 de novembro

"O terceiro artigo continua no ponto de interrupção sobre a aparição de julho e prossegue com a descrição das seguintes. O padre Lacerda faz então algumas considerações pessoais, referindo que "foi muito mais minucioso o meu inquérito fazendo-lhe outras perguntas, que pouco podem interessar aos nossos prezados leitores" e frisando que "Lucia, rude e ignorante, não podia prever o que milhares de pessoas observaram no sol no dia 13 de Outubro. [...] É ou não vulgar o fenómeno? Se é como é que os aparelhos o não registaram? Se não é como é que três crianças, ou melhor uma criança, sem instrução alguma, o prevê com antecedência e sem saber do que se irá passar daí a três meses, diz que no ultimo dia fará com que todos se acreditem? É esta a pergunta que continuamente nos assalta", segundo a análise de Luís Miguel Ferraz.

"Introduz depois o interrogatório a Jacinta, cuja mãe se opôs inicialmente à conversa, "e só depois de lhe dizer que vinha ali para ir dizer aos soldados na França que Nossa Senhora aparecera, é que consegui que a mesma me olhasse melhor". A mesma reserva veio do pai da vidente, o que o autor compreendia como resultado de tantos interrogatórios e até ameaças a que as crianças tinham já sido sujeitas naqueles dias", acrescenta na sua tese.

O Mensageiro, 29 de novembro

Último artigo sobre a conversa que o diretor do jornal manteve com as três crianças e que o leva a escrever no final: "o que ouvi aí fica. Aguardemos a decisão da Igreja". Trata-se de um resumo dos depoimentos de Jacinta e Francisco. A primeira mostra-se envergonhada, responde à maioria das perguntas com silêncios ou a expressão "não me recordo", mas "confirma as palavras da Lúcia"; o segundo pouco ou nada diz.

"Já me esquecia dizer que as três crianças me disseram que a Senhora lhes dissera um segredo e que estas não revelariam a pessoa alguma", acrescenta o autor, como faz notar Luís Miguel Ferraz, adiantando que, a seguir, "mais uma vez, o padre Lacerda insere o seu comentário, desta vez em jeito de conclusão: 'O meu inquérito estava terminado. Só me restava aguardar a decisão da Igreja que começou a organizar o processo. A dúvida que me assaltava á ida era a mesma que me acompanhava ao deixar as três crianças. Viram elas na realidade uma Imagem? Como conciliar a afirmativa de que a guerra acabava no dia 13 d'Outubro se ela ainda agora continua? Como conciliar a previsão do fenómeno solar presenciado por tão grande numero de pessoas? Não sei'".

Por último, faz a defesa do pároco da Fátima e seu amigo Manuel Marques Ferreira, o qual "se conservou sempre alheio a tudo, levando o

seu proceder a nunca ter ido á Cova da Iria no dia das aparições. Só a muitos rogos lá foi no ultimo dia”.

O Mensageiro, 6 de dezembro

replica testemunho de um padre que esteve em outubro em Fátima publicado no jornal "A Liberdade", de 23 outubro.

O Mensageiro, 20 de dezembro

Aproveitando ainda o trabalho do historiador Luís Miguel Ferraz, fica-se a saber que, neste dia, o jornal faz referência, pela primeira vez, às polémicas suscitadas pelo anúncio de conferências e comícios contra as aparições, na região. Organizados por republicanos pela região, dois deles realizaram-se em Fátima e Ourém. No artigo do correspondente de Vila Nova de Ourém, datado de dia 3, afirma-se que a conferência no Centro Republicano da vila, de 1 de dezembro, “foi um verdadeiro fiasco” e até “os oradores tiveram de desistir, visto que o povo do concelho, por desprezo, não concorreu ao local, não obstante tanto convite que lhe foi feito, pois ali só apareceram oito pessoas para ouvirem, à excepção do grande número de mulheres que à sua chegada entoaram o 'Bemdito', voltando-lhes logo as costas”. O comício no local das aparições, no dia seguinte, “não chegou a efectuar-se porque só apareceram os célebres oradores, acompanhados do administrador do concelho e por mais seis indivíduos daqui, e guardados por uma força da guarda republicana desta vila e outras vindas de Tomar e Torres Novas, que foram obrigadas a ir ao local de Fátima”.

Nesta edição, é ainda transcrita uma peça de "A Liberdade" publicada em outubro sobre os dois amigos que sofreram as consequências por brincarem com a crença de outrem, assim como parte da entrevista feita pelo "Século" ao astrónomo Frederico Oom.

O Mensageiro, 27 de dezembro

volta a publicar primeira página um texto com mais de dois meses, desta vez do semanário portuense "A Ordem", uma carta de uma senhora de Alcobaça que presenciou o “milagre do sol” e entrevistou pessoalmente os videntes, dirigida a um padre do Porto - verificou Luís Ferraz -, rematando com o comentário: “pode e deve animar-nos a esperar com alvoraçada esperança d’êxito o veredictum do Ordinário de Lisboa. O mesmo diremos do caso do Barral”.